

| História do PT*

de Lincoln Secco

Um ciclo do Brasil dos últimos 30 anos

por John Kennedy Ferreira**

escrever a história de um partido significa nada mais que escrever a história geral de um país.

Antonio Gramsci, Cadernos do Cárcere

Lincoln Secco escreveu a história do Partido dos Trabalhadores (PT) e acredita que, apesar de existirem diversos livros sobre o assunto, somente hoje, quando se completou um ciclo, é possível compreender sua história: de quando o PT nasceu como uma força social dos *de baixo* e ganhou expressão pela oposição social, depois pela oposição parlamentar e, por fim, da chegada ao poder.

Secco observa cada momento do partido, centrando sua análise na trajetória dos quadros de base, nos militantes anônimos que, através da simbologia do PT, tantas vezes traduziram uma vontade de mudança social com uma indefinida coloração socialista.

Essa mesma base que impulsionou o PT do chão da fábrica, do canto da cela, dos bairros distantes até a chegada ao poder em 2002, foi (e ainda é) responsável pelos principais enfrentamentos na sociedade brasileira, como ficou patente no episódio do Mensalão ou na campanha eleitoral da presidente Dilma Rousseff em 2010.

Seu primeiro momento foi marcado pelo ascenso das lutas do movimento operário-popular, nos fins da década de 1970. Os movimentos que deram a primeira forma e (auto)imagem à formação do PT foram as greves dos operários do ABCD contra o arrocho salarial da ditadura, pois iniciaram uma oposição (e desenharam uma alternativa) *dos de baixo* ao processo de transição democrática em curso.

Esse movimento foi fortemente marcado pela *fala* dos operários, mas também de militantes de setores advindos das organizações de esquerdas e das

*São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

**Doutorando em História Econômica pela USP. End. eletrônico: jotakennedy@yahoo.com.br

pastorais católicas. Secco faz um extenso mapa, mostrando de que forma cada uma das (diversas) matizes petistas vão tecendo o difícil esforço de legalização partidária. Tratava-se de uma dinâmica regional rica e impar na história nacional e internacional, que envolvia na sua formação: ex-guerrilheiros, ambientalistas, pastores metodistas, cristãos, marxistas, operários, sindicalistas, trotskistas, estudantes, liberais de esquerdas...

Esse rico e aparente “caos” foi construindo núcleos de militantes, reproduzindo a cultura organizativa da CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e capilarizando, pelo país, ideias e uma máquina partidária que conseguiu a incrível marca de estar organizada em 21 Estados já em 1983.

O PT construiu assim um programa e uma ideologia “*como um partido igual a você*”, “*um partido de baixo para cima*”, “*um partido feito pelas bases*”, crenças que necessariamente não são verdadeiras, como o autor reafirma em análise comparativa com o PCB (partido de massas).

Destaca que, desde o seu primeiro momento, apesar de fortemente marcado pela presença de setores populares, o principal vínculo de financiamento do partido foi o parlamento e outras instituições ligadas ao Estado que, ao longo dos anos, contribuiu fortemente para o *aggiornamento* do PT.

Em 1982, o PT participou de sua primeira campanha eleitoral, mas seu desempenho foi inferior ao esperado, com a eleição de prefeitos apenas em Diadema e em Santa Quitéria (MA), e uma pequena bancada de deputados. Mesmo com um restrito peso parlamentar, o PT desempenhou importante papel na lutas de classes e na história nacional desse período, contribuindo para a organização de várias manifestações sindicais, com destaque para a formação da CUT. Também apoiou a primeira Greve Geral da história do país e movimentações políticas, como a importante campanha das *Diretas-Já* – na qual se comportou como a ala esquerda do processo de redemocratização brasileira.

Este comportamento permitiu ao partido ampliar seu discurso (alcançando as classes médias pauperizadas pelas seguidas crises do fim da ditadura) e ampliar seu peso nos setores organizados das classes populares e da sociedade civil. O resultado foi o importante crescimento nacional nas eleições municipais de 1985, com destaque para a vitória na primeira capital, Fortaleza, em 1985. No ano seguinte, a bancada petista fortaleceu-se na Assembleia Constituinte, tendo Lula como deputado mais votado do país. Na constituinte, o PT exerceu importante liderança na ala esquerda, conseguindo expressar as reivindicações e as bandeiras de caráter popular. Essa atuação, somada aos desacertos e instabilidade no primeiro governo pós-ditadura, impulsionou o partido para importantes vitórias nas eleições de 1988, em Porto Alegre, Vitória, Santo André, São Bernardo, Campinas, São Paulo, etc.

Naquele momento, o crescimento das lutas populares inspirou a recém-eleita prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, a afirmar no discurso de posse que o socialismo começava ali.

O binômio, crise do governo Sarney e fortalecimento dos movimentos sindicais e populares (impulsionado por uma poderosa greve geral de dois dias em março), permitiu que a primeira candidatura Lula representasse os anseios dos setores proletários e das camadas médias organizadas. Mesmo enfrentando uma disputa com os mais importantes setores da política tradicional brasileira, Lula conseguiu chegar ao segundo turno com o aventureiro Collor de Mello, que havia restado dos conservadores.

Provavelmente, as classes dominantes protagonizaram a campanha mais suja da história recente do Brasil, para promover a vitória de Collor.

A eleição de Collor de Mello combinou a crise internacional com a queda do muro de Berlim e com a crise provocada pelos ajustes neoliberais. Aos poucos, os movimentos sindicais e populares entraram em descenso, tanto pelo ajuste como pela crise que se instalava no interior do pensamento da esquerda, cujos setores tradicionais abandonavam o ideário socialista, tanto no PT como em outros agrupamentos.

Isto se refletia diretamente na organização partidária, pois, como Lincoln Secco assinala, a crise alcançou o PT no seu primeiro congresso, com a fragmentação de opiniões em diversas correntes, como a extinção do PRC, a mudança de posicionamento da Proposta Socialista, a expulsão da Convergência Socialista e outros pequenos agrupamentos.

Apesar da tensão política, o PT continuou crescendo em nível eleitoral e administrativo. Sua bancada tornou-se importante no Parlamento nacional e, no início da década de 1990, já administrava o estado do Rio Grande Sul, Espírito Santo, Distrito Federal, etc. Com essa força, enfrentou as campanhas de 1994 e 1998. A estratégia petista era pressionar o Estado, por baixo, com os movimentos sociais, e agir por cima através do Parlamento. Era a “teoria da pinça”, como definiu o dirigente petista Juarez Guimarães.

Contudo, a realidade política não se alterou significativamente, mesmo após a queda de Collor de Mello, a passagem de Itamar Franco e a eleição de Fernando Henrique Cardoso, pois os rumos políticos escolhidos pelo Estado permaneciam totalmente alinhados com o Consenso de Washington. A partir da crise econômica do segundo governo FHC, o PT apresentou-se às eleições, novamente com a candidatura Lula.

Na década de 1990, o PT sugeria uma alternativa ao neoliberalismo, com um novo projeto de desenvolvimento. Sua ação refletia a mudança de conjuntura, na qual os movimentos entravam em defensiva, principalmente com o fracasso

das últimas grandes greves, dos Petroleiros e dos professores de São Paulo, ou o ensaio de greve geral de 1996. A ação opositora do PT saiu das ruas e ficou no Parlamento.

A esquerda petista ganhou as eleições internas e a presidência (ironicamente com Rui Falcão, atual presidente) e a maioria do diretório nacional. Contudo, até o momento, ainda não consolidou essa maioria, nem conseguiu construir um convencimento junto aos principais cardeais do PT, como denotam o atual fortalecimento e a ação dual do Instituto da Cidadania.

No encontro petista de 1997, a Articulação retomou a liderança, com José Dirceu na presidência. Como seus próprios adversários reconhecem, Dirceu operou um projeto de construção política mais amplo. Dessa forma, a autonomia geral dos diretórios estaduais e locais foi relativizada, mas centralizada pela direção nacional. O impacto veio na escolha de candidatos aos governos estaduais. O PT do Rio de Janeiro teve sua convenção desautorizada e a escolha de Wladimir Palmeira vetada, em nome da aliança nacional com Brizola.

Era um momento em que o partido passava por uma forte mudança de perfil. Os militantes de base, os quadros intermediários e suas instâncias como núcleos, diretórios e setoriais perderam a importância na formulação de políticas e ações do partido. Os jovens intelectuais com livros debaixo do braço e calças jeans, foram perdendo o espaço, para nunca mais retomarem. Ação e o pensamento político se deslocaram para uma profissionalização parlamentar e administrativa e para um novo tipo de ativista, técnico e com uma visão restrita e burocrática.

Nas eleições de 2000 e 2002, a ideia de um modo petista de governar o Estado definiu o PT como um partido ético e comprometido com a lisura pública. A propaganda ficou a cargo de publicitários profissionais, como Duda Mendonça ou João Santana, ex- publicitário de Maluf e de outras campanhas conservadoras. O leque de alianças passou a priorizar o campo centro-esquerda e setores de direita. Durante a campanha, como resposta aos ataques do então candidato José Serra, foi lançada a *Carta aos Brasileiros*, na qual Lula e o comando petista sinalizaram, aos principais grupos econômicos brasileiros e estrangeiros, que o governo Lula não operaria qualquer mudança substancial na sociedade e no Estado.

Lincoln assinala que a moderação do discurso petista não impediu a crise do mensalão, em 2005. A crise possivelmente teve como objetivo reduzir o papel (e tamanho) que o PT estava desempenhando no Estado brasileiro. A denúncia da existência de caixa 2 mobilizou a imprensa e setores conservadores numa verdadeira cruzada anti-PT e ameaçou a presidência Lula. Durante alguns meses, criou-se uma verdadeira perseguição política e social, apenas contornada pela militância petista. Foi a última vez que levas de militantes tomaram para si a defesa da história do partido (e de outras organizações sociais) e superaram

a pior crise do partido. Porém, esse esforço não foi suficiente para evitar que deputados, ministros e dirigentes partidários fossem execrados.

A crise ocorreu às vésperas das eleições gerais partidárias e as esquerdas petistas expressaram pela última vez uma força capaz de derrotar o bloco dominante. Tal fato não ocorreu por conta da retirada da maioria da chapa comandada por Plínio de Arruda Sampaio que, depois das eleições desfilou-se do PT, como os parlamentares e centenas de militantes que formaram o PSOL.

Em 2006, o que parecia impossível aconteceu. Na forte disputa com Alckmin, Lula apresentou importante recuperação e venceu com folga as eleições no segundo turno. Em, seguida, assegurou sua sucessão com a eleição de Dilma Rousseff, então pouco conhecida.

Esse sucesso do PT no governo foi creditado à forma como o PT pode enfrentar a crise mundial, compensando o desaquecimento externo com subsídios ao desenvolvimento interno; com a distribuição de rendas compensatórias e tímido aumento salarial. Em um país historicamente desigual e injusto, isso significou o mínimo de alento e uma ampla base social, como lembra o estudo de André Singer (2009).

Lincoln Secco não é apenas um acadêmico, mas um militante petista de filiação marxiana. Seu texto foi escrito com paixão e expressa certa melancolia com a trajetória petista (e das esquerdas), com as potencialidades e alternativas abertas aos de baixo, que aos poucos foram se perdendo e se transformando em um conjunto de indefinições e precipitações.

O PT fechou o ciclo da experiência social democrata (tardia) brasileira, deixando em aberto, aos que lutam por uma “sociedade para além do capital”, a necessidade de repensar as relações com as classes sociais, particularmente o proletariado e as classes trabalhadoras. Resta também repensar as instituições e movimentos, as formas de financiamento, o modelo de organização partidária e, acima de tudo, uma estratégia de construção de um programa para o socialismo brasileiro.

Por fim, deve-se dizer que o livro é de leitura importante para se entender o Brasil dos últimos 30 anos. É rico em informações, tem um ótimo glossário, historiograma das correntes petistas e da esquerda em geral – além da excelente apresentação da professora Emilia Viotti da Costa e a orelha e desenhos de Ciro Seiji Yoshiyasse.

Bibliografia

SINGER, André (2009). *Raízes sociais e ideológicas do lulismo*. Novos Estudos, n. 85 São Paulo: Cebrap. Disponível em: <www.20091215_06_singer_p82-103-1.pdf>